

# A cidade que é grande em quase tudo

*Maior população, 25 nascimentos por dia, imensa quantidade de cães e o eleitorado com maior poder de decisão em todo o DF*

Cibelle Colmanetti  
Da equipe do **Correio**

Ceilândia é a capital dos superlativos. Tem a maior população, é mais povoada, está lá o maior colégio eleitoral e ela abriga até mesmo a maior população canina do DF. Estes são apenas alguns dos títulos que a cidade ostenta neste 28º aniversário. As vésperas de se tornar uma balzaquiã, a nona região administrativa do Distrito Federal tem recordes que merecem comemoração e outros dos quais não pode se orgulhar.

Com uma população estimada em 370 mil 193 habitantes, Ceilândia multiplicou-se nos últimos 30 anos. Pelos dados da Companhia do Desenvolvimento do Planalto Central (Codeplan), a cidade é também a que possui mais habitantes por quilômetro quadrado: 1.516,66. Isso equivale a 658 metros quadrados para cada pessoa. Muito espaço? Em Brazlândia — a menos povoada das cidades do DF — há 57,02 habitantes por km<sup>2</sup>, ou 17 mil 530 metros quadrados para cada pessoa.

Inaugurada em 27 de março de 1971, Ceilândia é resultado do primeiro projeto de eliminação de favelas no Distrito Federal. Em quase 30 anos, a cidade se transformou. Os barracos viraram casas. As minúsculas casas entregues pela SHIS (atual Idhab) foram reformadas e redes de água e esgoto foram instaladas. Pelos

números da Central de Distribuição Domiciliar de Ceilândia, da Empresa de Correios e Telégrafos, são aproximadamente 80 mil residências na cidade. O asfalto cobre praticamente toda ela. Só na avenida mais movimentada, a Hélio Prates, circulam 2 mil 500 veículos por hora.

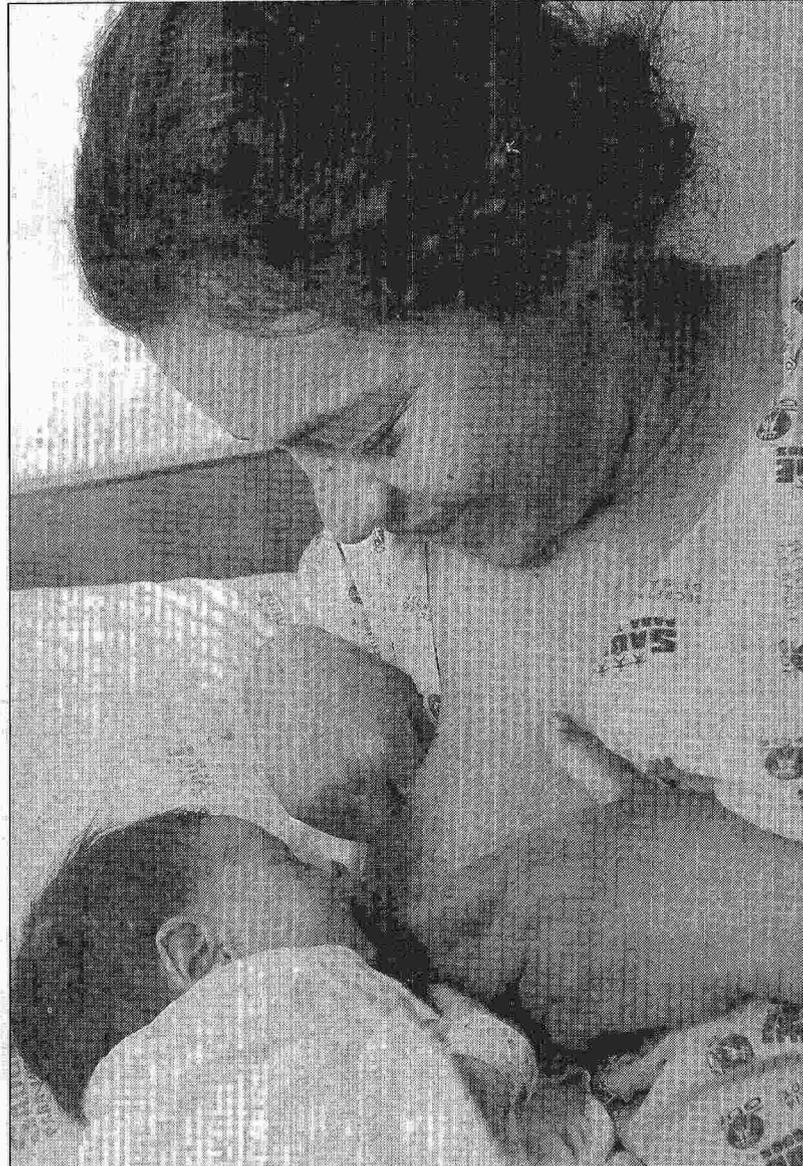
## VOTOS E CACHORROS

A cidade se tornou o maior colégio eleitoral do DF — capaz de decidir a eleição para governador. Com duas zonas, a 12ª e a 8ª, tem 259 mil 688 eleitores. O Plano Piloto — Asas Sul e Norte e Lagos Sul e Norte — vem a seguir, com 230 mil 640 eleitores. O menor colégio é Brazlândia, com 33 mil 972 votantes.

Outro título ostentando pelos habitantes: melhores amigos dos cachorros, de acordo com a Gerência de Zoonoses. Ceilândia possui a maior população de cães domésticos do DF, com 29 mil 813 animais ou 19,09% do total. E os moradores gostam muito mais dos cachorros que dos gatos, pois o número de felinos é de apenas 3 mil 235. Em segundo lugar está Samambaia, com “módicos” 17 mil 606 cães.

Outros milhares de vira-latas estão à solta nas ruas de Ceilândia, mas a Zoonose não tem como controlar essa população. “Com tantos cachorros, os ceilandenses devem ter cuidado dobrado com a raiva. A principal recomendação é nunca se esquecerem de vacinar seus animais”, lem-

Nehil Hamilton



*Elisângela, com a filha Talita, quer um futuro melhor para a menina e a cidade*

bra o gerente de Zoonoses, Hudson Andrade de Aquino.

A nona região administrativa é também uma das campeãs em nascimentos. Por muitos anos, o Hospital Regional de Ceilândia foi a maior maternidade do Distrito Federal. Mas,

em 1998, a cidade — que teve 9 mil 561 bebês nascidos vivos no HRC — perdeu o 1º lugar para o Hospital Regional do Gama, com 9 mil 892 nascimentos. “O Gama está abrangendo toda a população de Santa Maria e do Entorno, por isso o número de nasci-

mentos cresceu demasiadamente”, justifica a médica Margareth Frossart, do Departamento de Saúde Pública da Secretaria de Saúde.

## BEBÊS A BORDO

Os números são do sistema de natalidade da secretaria, mas o diretor do HRC, Jorge Martins Pitanga, ainda não acredita que tenha sido “ultrapassado” pelo Gama. “Duvido que nasça mais criança no Gama do que aqui”, diz ele. Pelos cálculos do setor de estatística da instituição de saúde de Ceilândia, houve 9 mil 715 nascimentos no ano passado, 154 a mais que o registrado pela secretaria. A média no hospital é digna de respeito: 750 bebês nascem por mês, 25 por dia. Só este ano já nasceram 1 mil 519 crianças, com leve vantagem para as meninas.

Como a pequena Talita, que nasceu às 19h30 de quinta-feira. A garota viverá no Condomínio Privê, onde os pais moram em uma pequena casa na rua sem asfalto. Com uma renda de dois salários mínimos — quando o pai consegue trabalho como pedreiro —, a família não terá luxos. Talita provavelmente estudará em uma das 81 escolas públicas da cidade. Sua mãe, a dona-de-casa Elisângela Ferreira de Miranda, 20, quer vê-la médica. “De preferência pediatra”, diz ela, que já trabalhou como empregada doméstica, para sobreviver.

Há dois anos morando em Ceilândia, Elisângela deixou o Piauí em busca de emprego. Não conseguiu, mas se casou e agora tem uma filha, que viverá as mudanças da cidade em seus próximos anos. A mãe espera que em 2027 — quando mais 28 anos forem comemorados — Talita possa festejar a data do aniversário ceilandense sem que problemas como desemprego, violência e baixa escolaridade atrapalhem o brilho da festa.